

O TEATRO E A LITERATURA EM DIÁLOGO COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

CARLOS EDUARDO DE OLIVEIRA PRADO¹;
ÚRSULA ROSA DA SILVA²

¹*Universidade Federal de Pelotas – teatro.cadu@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – ursularsilva@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No início, fez-se o verbo. Algo assim é dito na Bíblia. E não que eu seja religioso ou que a pretensão desse texto seja discutir a Bíblia e a maneira como é escrita. Não, não é! Mas é um jeito bom de iniciar este artigo que tem como propósito pensar no local que ocupa a narrativa. Insinuar que ela surge do verbo, da palavra. E que após as palavras, isoladas, começaram a surgir frases e, com elas, as histórias. Eis o nosso ponto: as histórias! O trabalho aqui apresentado está vinculado ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais, do Centro de Artes da Universidade federal de Pelotas e é orientado pela professora doutora Úrsula Rosa da Silva. Tem, como pretensão maior, explicar o surgimento da figura dos contadores de histórias, apresentando brevemente esses personagens e os desdobramentos contemporâneos dos mesmos. Depois, pensar propostas de utilização da contação de histórias como possibilidade de introdução de discussões sobre gênero na escola e também como fonte de criação de dramaturgia com crianças, relacionando-se essa prática com a metodologia do *Drama*, proposta por Beatriz Ângela Cabral, sendo ela um disparador para o fazer teatral. Seguido isto, pretende-se ainda criar uma pequena cena utilizando-se dos elementos dessa arte em paralelo com elementos da linguagem teatral e, após algumas apresentações, pensar em possibilidades de utilização da mesma cena para analisar a recepção teatral no espaço escola, relacionando-se com a proposta de *pedagogia do espectador*, do autor Flávio Desgranges. Tanta coisa para um questionamento individual que deseja responder se é possível a contação de histórias ser um disparador do fazer teatral, em especial das metodologias do *Drama* e *Pedagogia do espectador*, bem como relacionar o ato de narrar uma história com a criação de cena do professor-artista-pesquisador.

Ao iniciar o texto com uma frase bíblica, como dito anteriormente, tem-se a pretensão de sugerir que a prática de narrar histórias tem origem nos primórdios da humanidade. Pode dizer que tão antigo quanto outros rituais – caças, colheitas, pesca, etc – está o ato de narrar ou contar uma história. Hábito dos antigos, era a maneira utilizada pelos povos para manter vivas as tradições dos grupos e sofria variações para se adequar a cultura local. Segundo MATIAS (2010):

“A prática de contar histórias é ancestral; pode-se dizer que coincide com o próprio desenvolvimento da linguagem oral e que a partir de então adquiriu especificidades de acordo com a cultura e o momento histórico. Integrante de rituais pagãos primitivos, propagadora da mitologia greco-romana aos povos antigos, divulgadora dos valores da igreja católica na Idade Média, disseminadora de tradições para povos do oriente, para indígenas e para diferentes tribos africanas ao longo de gerações; lista-se uma pequena amostragem de sua presença.” (MATIAS, 2010, p. 72)

O desejo pela pesquisa desse campo vem pela necessidade de ampliar os horizontes do mesmo e entende-lo como uma possibilidade de construção de conhecimento que extrapole os limites comuns das pedagogias tradicionais: a contação de histórias pode ser, para além de um fomentador da literatura, um fomentador do teatro e, por consequência, de críticas sociais e construção de senso ético e estético.

2. METODOLOGIA

A principal ferramenta de metodologia a ser utilizada será o *Drama*, proposto por Beatriz Ângela Cabral. Nessa abordagem teatral, a partir de um conjunto de características do grupo percebidas pelo mediador, ou mesmo da escolha de um elemento do qual o grupo comungue, cria-se uma atmosfera propensa a experimentação em teatro. Esse elemento, extraído a partir da observação do mediador, é chamada de pré-texto. Sucintamente explicado por MONTHEIRO (2011):

“Um processo de drama normalmente se inicia com a escolha do pré-texto e a instauração de um contexto de ficção. O pré-texto, que pode ser literário (extraído de um texto dramático ou não-dramático), imagético ou áudiovisual funciona como um roteiro, ou um pano de fundo para delimitar o desenvolvimento do processo e orientar as opções do coordenador.” (MONTHERO, 2011, p.168)

Embora o *Drama* seja proposto por uma pesquisadora da área de Artes Cênicas, a generosidade de seu trabalho prevê, a partir do entendimento da proposta, que a metodologia seja desenvolvida por professores de outras áreas de conhecimento. Nesse sentido, entretanto, a não vivência em teatro – ou mesmo a falta de *prática do sensível* – pode dificultar na percepção do profissional sobre possibilidades que emergem do grupo. Assim, utilizar-se de histórias infantis, que são encontradas com mais facilidade e em maior número nas escolas, como disparador desse fazer artístico, pode ser uma maneira de colocar a literatura não dramática a favor do teatro e também do grupo de estudantes.

Outra metodologia a ser utilizada nessa pesquisa será a *Pedagogia do Espectador*, de Flávio Desgranges. Na proposta, são feitas interferências e processos de recepção para o espetáculo/apresentação antes e/ou depois, com o intuito de preparar o público. Na abordagem, pode-se apresentar, por exemplo, temas que serão apresentados pelo espetáculo, facilitando o entendimento e possibilitando ampliar as reflexões e trocas na relação espectador-obra. Segundo DESGRANGES (2015):

“A compressão da obra passa pelo necessário diálogo com a experiência cotidiana; essa elaboração reflexiva não se processa, contudo, sem esforço. Descobrir o prazer da análise é aprender a ser espectador, a tornar-se autor de histórias, fazedor de cultura.” (DESGRANGES, 2015, p.173)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa encontra-se, nesse momento, na parte de investigação de levantamento de referencial metodológico que complementará as práticas a

serem realizadas posteriormente. Na busca, foca-se principalmente na relação entre literatura, teatro e contação de histórias como agentes de discussão de gênero com crianças.

Iniciou-se já a introdução sobre a origem dos contadores de histórias e a diferença entre o tradicional e o contemporâneo. O primeiro, surgiu com o intuito de manter a cultura de um povo através da oralidade e hoje é visto na figura dos *griôs*. O segundo, narra histórias e contos da literatura, com o intuito de incentivar a leitura e, nesse caso, incentivar também o fazer teatral.

Posteriormente também se iniciará a construção de cena para ser levada a público com o intuito de analisar a recepção com questionários e práticas desenvolvidas a partir do espetáculo. A cena, a partir de um texto literário não dramático, utilizará elementos da contação de histórias e estabelecerá relações entre os dois modos de fazer artísticos.

4. CONCLUSÕES

No princípio, fez-se o verbo. Do verbo, a narrativa. Na narrativa, começou-se a manter viva a tradição dos povos. Entretanto, na sociedade contemporânea, iniciou-se o processo de desvalorização de leitura. O trabalho serve, então, como um questionador das relações contemporâneas da sociedade com a literatura, visando ampliar o acesso a esse e, principalmente, ao fazer teatral. O entendimento da arte e da literatura a partir da contação de história é uma das maneiras de se iniciar um processo crítico de reflexão sobre questões sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livro

DESGRANGES, Flávio. **A Pedagogia do Espectador**. São Paulo: Hucitec, 2015.

Capítulo de livro

MATIAS, Lígia Borges. “O valor da narrativa na pós-modernidade”. In: TERNO, Giuliano (org). **A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática**. 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. p.71-88.

Documentos eletrônicos

MONTHERO, Wagner. “Em processo: imagens e memórias como materiais de criação no contexto do drama”. In: **Urdimento**, nº 17,p.165-171, 2011. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/3368/2431>>. Último acesso em 18 de novembro de 2015.